

# O ESPECTRO

NUMERO 49 — II ANNO 1889

A Régie

SEMENARIO POLITICO

PREÇO 10 RÉIS

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA

LISBOA

6 mezes..... 260

PROVINCIAS

6 mezes..... 320

PAGAMENTO ADIANTADO

ADMINISTRAÇÃO

T. da Agua de Flor, 20.



Começa a fazer-se luz n'aquella caverna. A saída do ex-ministro da fazenda abriu um pequenino buraco, por onde os que se approximam e espreitam lá para dentro, vêem, entre muitas coisas confusas e escuras, um ou outro ponto luminoso, que já diz perfeitamente o que é: **traficancia, roubo, ruina.**

Quando esta caranguejola desabar, e um governo **honrado** abrir de par em par as portas da *regie*; e entrarem por todos os lados feixes de luar, que alumiem os mais reconditos escaninhos da espolunca, imaginem o que surgirá aos olhos de todos; imaginem que assombro, que o pobre paiz, que tinha no rendimento dos tabacos a sua mais valiosa receita, destruída, não pela ineptia de um ministro ignorante; não pelo empirismo de um vaidoso, dominado pela mania de ligar o seu nome a grandes coisas; mas por uma perversidade calculada, perfeitamente consciente dos meios de dar cabo do paiz.

Mas sempre suppozemos o ex-ministro da fazenda animado de pensamentos sinistros contra a patria e sobretudo contra as instituições.

Não é agora occasião de desenvolvermos esta these, que o *Espectro* por varias vezes tem tocado.

Quando se vir em toda a luz a administração d'este nefasto homem publico, será então occasião de lhe pôr a intelligencia ao pé do character e reflectir se tudo **aquillo** podia ser apenas filho da ignorancia ou desmazelo.

Ha de vêr-se então com a maior evidencia que o sr. Marianno **arruinou** tudo em que pôz a mão; mas sabendo perfeitamente o que fazia, indo sempre de olhos abertos, direito ao fim, que se propunha.

Hoje achariam declamatoria a demonstração: amanhã, quando os factos se accumularem, veremos borbulhar de toda a parte esta proposição: O sr. Marianno propunha-se dar cabo do paiz.

Isto que hoje parece puro *palavriado* para muitos, será amanhã para todos uma triste verdade incontestada.

Reservemos para esse tempo a nossa cooperação na demonstração da these. N'este momento apenas queremos chamar a attenção dos nossos leitores para a vida intima da celebre *regie*, onde tudo é ruina.

A receita do tabaco era a mais importante do estado, como dissémos.

Calculava-se pelo successivo augmento da receita, que o estado ia todos os annos colhendo d'este imposto, no regimen da liberdade, que este anno elle renderia 4:200 contos. Pois o dinheiro entrado nas caixas centraes do ministerio da fazenda, accusa, comparado com o rendimento do ultimo anno, um prejuizo de 800 contos!

Por feliz te darias tu, ó povo, se a enormissima e escandalosissima traficancia da *regie*, te roubasse apenas 800 contos nas receitas publicas! Mas o desfalque sóbe a muito mais. Os bancos tem descontado letras da *regie* no valor de centenas de contos de réis. O banco de Portugal poderia dizer quantas tem como valares de carteira.

O contrabando campea desenfreadamente por toda a parte, sem ninguem lhe ir á mão. Ha terras, ou **no centro da provincia**, onde se não fuma outro tabaco.

Imagine-se o que succederá em presença do novo augmento de 20 por cento, com que acaba de ser aggravado o preço do tabaco, aliás muito peor que o fabricado pelas antigas fabricas! O contrabando, sem organização, já faz o que se vê. Estimulado com o novo augmento do preço, cada um conjectura facilmente o que fará. Toda a gente o acceitará sem relutancia. É convencido, como está o povo, que tudo isto anda á matroca; que o fim proximo da *regie* é enriquecer os amigalhões do sr. Marianno, o povo será o primeiro que sem escrupulo, acceitará e facilitará o trabalho dos contrabandistas. Indague o governo o que vae por esse paiz fóra. E' de bater com as mãos na cabeça. O contrabando tende a organizar-se como um **syndicato**.

Vejam o que se irá d'esta organização!

Accrescente-se que o sr. Marianno encheu a administração da *regie* exactamente de *contrabandistas*. Ha-os por lá aos centos como todos sabem. Apesar das ordens rigorosas para que nada se diga ao publico do que lá vae por dentro, de quando em quando, por uma fenda mal tapada, sae um enorme rolo de fumo, que mostra bem que tudo aquillo está a arder.

Accrescente-se que as despezas da *regie* estão aggravadas com o juro dos 7:200 contos que se deram ás fabricas—fim principal da invenção d'aquella ladroeira.

Accrescente-se que o sr. Marianno metten em condicção acceitar todos os empregados das fabricas, com os ordenados que tinham: que essas fabricas encheram então os seus escriptorios de um pessoal enorme; que os ordenados foram duplicados e até triplicados a muitos, indo depois parte d'essa gente para as repartições publicas, onde foi aggravar o mal de que ellas enfermam.

Accrescente-se que á sua conta foi o sr. Marianno nomeando **batalhões** de empregados publicos, que vivem hoje dos rendimentos da *regie*, desde os inspectores com soldo de general de divisão, até guardas especiaes do tabaco—que são uns poucos de centos!

Accrescente se por fim para não alongarmos mais a enumeração d'estas inauditas fraudes—que os serviços são feitos como nas repartições onde o sr. Marianno poz tudo em tal estado, que quem quer vae, quem não quer ir não vae; quem quer trabalha, quem não quer não trabalha, etc., etc., e concluiremos, sem nenhum esforço que o rendimento do tabaco, a maior fonte de receita do paiz, pode considerar-se perdida!!

Ha um unico recurso: é **annullar tudo** quanto o sr. Marianno fez, e voltar ao antigo sistema.

O prejuizo é enorme, pois calcula-se que não será inferior a 12 mil contos! Mas antes perder 12 mil contos de uma vez do que um rendimento de 4:000 contos por anno.

Eis quanto custará ao paiz n'este ramo de serviço a experiencia da sabedoria do sr. Marianno.

## O preço do pão

Tem descido na America o preço do trigo. Os lavradores teem ainda grande quantidade nos celeiros. Os preços que lhes offerecem os moageiros, quando offerecem algum preço, é tão insignificante, que alguns preferem engordar porcos com elle.

Quer dizer que ha em Lisboa enorme abundancia de trigo estrangeiro.

E ha, algum, até recebido por preço limitadissimo.

Estando tão barato o trigo, que o lavrador prefere engordar porcos com elle; havendo tamanha abundancia nos armazens dos moageiros, algum comprado por preço insignificante; attenta a baixo do genero nos grandes centros productores da America; perguntamos ao governo, ou á camara municipal, que tem obrigação de olhar *principalmente* para **estes assumptos**: a como se vende o pão agora em Lisboa?

Quanto diminuiu de preço em 1½ kilo?

O anno passado estava a pataco: agora, estando o trigo mais barato, terá diminuido 10 réis, ou mesmo 5 réis?

**Não diminuiu coisa nenhuma.** O povo continua a pagal-o pelo mesmo preço!

Se o trigo subisse, sim senhor, o povo sabel-o-hia logo; porque o moageiro lh'o faria sentir, augmentando o preço da farinha; mas como se trata do contrario, da descida do trigo, não precisa o povo saber nada: vá pagando e calando.

De fórma que o pão está condemnado a não **descer nunca**.

Subir o que quizerem; descer nada.

O' povo, quando te resolverás, tu, a fazer justiça pelas tuas mãos?

Não vês que te ludibriam em tudo; que te exploram, que te roubam sem dó nem consciencia?

Se quando o trigo sóbe, sóbe o pão, porque não desce o pão quando desce o trigo?

—Sabes porque? Para augmentar mais rapidamente a riqueza dos teus exploradores, dos ladrões que vivem do teu suor.

**Justiça pelas tuas mãos**, repetimos.

Para *acudir* á agricultura, andam agora unidos: o governo, os moageiros, e os representantes da **grande cultura** cerealifera. Aos pequenos lavradores chamam já estas tres *entidades*: **curiosos do Alemejo**.

Esta maneira picaresca de as designar uma classe tamanha, tão importante e tão necessitada de protecção, mostra logo que não é precisamente dos **interesses geraes** da agricultura que se está tratando.

A sombra funesta do sr. Marianno continua a dirigir ainda o ministerio da fazenda.

Falla-se em obrigar os lavradores a apresentar os seus trigos na bolsa dos cereaes, uma invenção do sr. Marianno, absolutamente inutil, a não ser

para uns poucos de sujeitos que foram nomeados empregados d'essa bolsa, como poderiam ter sido nomeados sineiros de Corneville. O serviço que prestam não vale mais, que o dos sineiros.

E francamente é o melhor que se póde exigir d'elles.

Pois para lhes dar outra serventia, querem pôr peas taes ao commercio dos trigos, que o moageiro, que já dominava de facto não comprando trigo que lhe não venha da bolsa, dominal-o-hia tambem de direito.

Conclusão: Uma duzia de lavradores, que tem a grande cultura cerealifera, venderá os seus trigos pelo preço que quizer; os outros hão-de vendel-o pelo preço que lhe imporem, e o povo que é o bode expiatorio de todas os conluios, ha-de comer peor pão e pagal-o mais caro.

Veremos e fallaremos.

## A aposentação dos parochos

Continua o saque aos cofres publicos. Não basta o rombo que lhe dão as aposentações dos empregados, a reforma dos militares e a jubilação dos professores.

Agora já se aposentam actores e estamos na vespera de ver aposentar os padres.

A folha dos aposentados é já enorme—pois anda por 2:000 contos. Imagine-se depois da aposentação dos parochos!

Calcula-se em 207 os que querem já a aposentação!

Quando se permittiu a aposentação aos empregados do telegrapho, a tarefa começou por 173, logo no primeiro dia!

A cousa agora vae adeante, porque começará por 207 parochos!

As condições estatuidas na lei é tudo *cantiga*. Estabelecido o principio, hão de reformar-se todos os parochos que quizerem a reforma, e todos aquelles cujo logar o governo apetece. Não ha duvidas a este respeito. Nunca foi mais rigorosa, do que agora, lei das reformas dos empregados publicos. Pois nunca se reformou tanta gente.

São ás duzias.

Os que não se queriam reformar, empurrava-os o governo, chegando a mandal-os desconsiderar pelos chefes, para pedirem elles proprios a reforma e deixarem o logar aos amigalhaços. Chegaram a reformar-se **rapazes!**

Não inventamos. Toda a gente sabe isto.

Mas se alguém o ignora, vá ás repartições publicas, e veja quantos empregados acha lá, que tenham meia duzia de annos de serviço.

Desappareceram com a epidemia das reformas.

Admittida em principio a aposentação dos parochos, hão de reformar-se todos.

Isto brada ao ceu.

As despesas são já enormes.

Se metade do paiz anda já a trabalhar para a outra metade viver vida ociosa e regalada, imagine-se aggravando-se tudo com a aposentação de centenas de parochos?

Depois virão os coadjutores, depois os thesoureiros, depois os conegos, depois os simples padres, depois os sacristães.

Cáe tudo sobre os cofres publicos. E' um saque geral.

O' povo, quando pegarás tu n'um fueiro e farás justiça pelas tuas mãos?!

## A salubridade de Lisboa

Está na mesma. Se as condições atmosphericas a não melhorarem, dos poderes competentes nada ha a esperar. Os delegados e subdelegados medicos são ás duzias, mas a não ser o orçamento municipal que paga o ordenado de todos, o mais... como d'antes.

Para outro flagello chamamos a attenção do publico: a tuberculose, ou a **tysica**, cujos estragos na cidade são medonhos.

Não fallaremos das causas complexas do flagello, não o permite a indole d'esta publicação.

Uma só vamos apontar, em que ninguém ainda falou nunca, e para a qual chamamos a attenção dos poderes publicos.

Hoje está demonstrado que a tysica se pega, pela transmissão do microbio respectivo.

Que cautelas toma a auctoridade, quando morre um tysico? Absolutamente nenhuma. E succede então 90 vezes por 100, que tudo quanto serviu ao tysico é vendido aos ferro-velhos ou aos agentes de leilões.

A lá dos colxões já nós vimos vender a colxoeiros!

As consequencias d'este estado de coisas são facéis de calcular, os estragos da tysica são cada vez maiores. Nem pode succeder outra coisa.

Se a auctoridade não tomar providencias, ninguém pode calcular onde isto chegará.

Quando a medicina era um sacerdocio, poderíamos pedir á medicina que nos valesse; mas hoje que ella é uma industria, como outra qualquer, e... quanto mais doentes... mais dinheiro, não será só á medicina que pediremos, mas ao governo, e á auctoridade competente, que olhe para este assumpto, que é gravissimo.

## A Nova Companhia do Gaz

Ainda não começou, se póde dizer, no exercicio das suas funcções de **grande companhia**, e já põe e dispõe á sua vontade, como se estivesse em terra conquistada.

A ella e ao sr. Palha se deve a epidemia dos typhos que está assolando a cidade; a ambas se deverá a sorte que nos espera lá para o verão, quando o calor começar a tirar as conclusões do criminoso desleixo do presidente da camara que consentiu que a companhia, para se poupar despesas, quando deparava com um cano de despejo, não procurasse outro sitio, mas sobre o esgoto collocasse os canos de gaz! O verão apreciará este attentado. Agora chamamos a attenção do publico para a collocação dos candieiros. A companhia não colloca candieiros senão na calçada das ruas. As ruas estreitas ficam quasi interrompidas. A antiga

companhia tinha-os posto na parede dos predios. E' um quasi nada mais dispendioso, mas deixa a rua desimpedida. Esta não quer saber d'isso. Por este motivo, os passeios das ruas estreitas não são accessiveis a mais de uma pessoa. Na propria baixa—rua dos Douradores—uma pessoa gorda precisará sahír do passeio para poder caminhar! Nunca se viu uma pouca vergonha semelhante.

Mas o presidente da camara folga e não é preciso mais nada.

Não lançou elle o imposto do mercado do Campo Grande á cidade, só para enriquecer os amigos? E que fez Lisboa? Aguentou. Demos graças a Deus não se lembrar elle de consentir coisa peor á companhia; porque Lisboa **aguentará**.

Não tem força para outra coisa.

## Infamias

Pensavamos que a presença e direcção do sr. Emygdio Navarro nas *Novidades*, tiraria áquelle jornal o character inquisitorial e diffamador que ultimamente lhe tem dado a redacção de uns fedelhos, que podiam fazer... outra coisa em vez de jornaes.

Enganámo-nos. As *Novidades* continuam na mesma. A sua especialidade agora é a diffamação do clero.

Os perdigueiros do sr. Navarro andam pela cidade á caça de irregularidades, abusos, roubos ou de quaesquer factos emfim que possam tomar na imprensa esse character, e com grande escandalo põem-se a assoalhar a vida particular das suas victimas.

Se este é um ecclesiastico, dão ao escandalo, as maiores proporções, trazendo para o soalheiro tudo que poderam apanhar pelos visinhos, tudo que os inimigos pessoas das victimas lhe impingem em primeira mão.

Já castigámos merecidamente com a penna esta infamia, quando se tratou do thesoureiro da Sé.

Estranhámos porém que este homem que nos dizem ser um valentão, não pegasse de um bom cacetete, fosse á redacção d'aquelle jornal, perguntasse pelo auctor das accusações que lhe fizeram, e o fizesse saltar pela janella fóra.

Agora a proposito da profanação do tumulo da rainha D. Luiza de Gusmão, anda no enxurro da publicidade, um outro padre, que as *Novidades* todavia declaram que não tem a certeza que seja o auctor do roubo das joias que se suppõe ter existido n'aquelle tumulo; mas vae infamando-o com cautella, não venha a ser preciso confessar por fim que o homem estava innocente.

Isto é infamissimo.

Não defendemos o padre, que nem de nome conheciamos; mas, achamos infamissimo, repetimos, que sem se ter a certeza dos crimes, se ponha a imprensa, como uma rameira do bairro alto, a ataca-o a elle, **ou seja a quem fór, nas mesmas circumstancias**. A imprensa não serve para isso, miseraveis.

A especialidade das *Novidades* é o insulto ao clero. Nem os mortos lhe escapam. O fallecido arcebispo de Braga, uma das maiores notabilida-

des do clero portuguez, a quem a India deve acrysolados serviços, esse mesmo o porcalhão das *Novidades* accusa de ladrão.

Tal e qual como as rameiras, que não querem ninguem honrado na visinhança.

São réos dos crimes de que os accusam?

Respondam nos tribunaes, os vivos por si, os mortos pelos seus parentes e herdeiros.

Tudo é preferivel a este escandalo immundo de arrastar pela publicidade da imprensa a vida particular de quem quer que seja; porque as infamias das *Novidades* estamos vendo não visam a outro ponto.

Cuidado! que as represalias vos podem ser funestas, miseraveis.

## Sem commentarios

A *regie* mandou vir uma porção de tabaco em rama. Quando estavam a abrir uma das caixas, ou porque calculassem mal a espessura do tabaco, ou porque abrissem a caixa por differente lado, como quer que fosse, o **acaso**, o **patife do acaso**, fez cahir de dentro do tabaco em rama, uma porção de magnificos **charutes estrangeiros**.

De onde vieram estes charutos?

A quem eram destinados?

Fóra da *regie*, sabe-se bem como se faz, como campeia e contrabando, mas dentro da propria... nas caixas de tabaco que ella mesmo manda vir, passando-lhe, emfim, pelas suas bentas mãosinhas... Que vem a ser isto? Uma d'aquellas fendas, de que fallámos no primeiro artigo.

## A outra metade...

Marianno, Marianno

Porque te não mettes a frade?

Porque vou para Paris

Gosar a outra metade.

Então já se sabe tudo?

Já temos pois liberdade

De dizermos onde está

A outra bella metade?

Já, meninos. E senão...

Apalpem aqui.—Apalpo

Milhares de libras que tinem:

... Pois: Tlim... papo.

E lá vae Dom Marianno

A caminho da Cidade

Ouvindo t'lintar no papo

A outra bella metade.